

**UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

DANIEL SANGUINETE

**O CONSERVADORISMO SOCIAL BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA
NA MANIFESTAÇÃO DO MACHISMO NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

Diamantina-MG
2016

DANIEL SANGUINETE

**O CONSERVADORISMO SOCIAL BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA
NA MANIFESTAÇÃO DO MACHISMO NAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFMG -
Universidade Federal de Minas Gerais, para o curso de Curso
de Especialização Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Anna Paula Vencato

Diamantina-MG
2016

AGRADECIMENTOS

Agradecer é pouco, pois grande parte de minha conquista devo a vocês.

A Deus, pela força para prosseguir sempre o meu ideal. Que nos deu a vida e condições de sentirmos capazes de ir além de prosseguir, lutar e conquistar esta vitória. Senhor Deus, razão única de nossa existência e sabedoria, obrigado por nossos talentos e por tua companhia nestes anos todos...e principalmente, obrigado por nos ensinar que o importante não é nos tornarmos homens de sucesso, mas homens de valor.

Agradeço aos meus queridos pais: João e Mônica, exemplo de vida, pela presença e incentivo no qual divido cada mérito, por mim conquistado. A minha irmã Daniela, por se fazer presente em todos os momentos. Aos mestres, a paciência, compreensão e apoio. Tia Branca, pelas orações constantes, e Tia Lurdes pelo apoio. O amigo Idelson (Neném) pelas lições de saber e dedicação, A minha noiva Celme Patrícia por fazer parte da minha vida. Juliana também o apoio. Aos colegas, pela partilha de trabalhos, dificuldades, tristezas, alegrias e vitórias. Aos meus familiares e amigos pela torcida.

Mais uma conquista, a vitória é nossa e **VENCEMOS!**

“Sou filho da Filosofia, tenho-a como mãe, só ela me entende, me consola, me ajuda a suportar os problemas e me dá carinho. Sabe quem sou? Sou a Psicologia, a qual tenho muito orgulho, de ser entendido por ela”. (Daniel Sanguinete)

SANGUINETE, Daniel. **O conservadorismo social brasileiro e sua influência na manifestação do machismo nas práticas pedagógicas.** 25 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola, UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, Diamantina-MG, 2016.

RESUMO

O estudo tem como objetivo central mostrar a influência do conservadorismo social brasileiro no que se refere à questão de gênero e as manifestações do machismo em nossa sociedade, em especial no espaço escolar. Mostrando a sua influência direta nas práticas pedagógicas e no comportamento machista na escola, buscando propor uma reflexão histórica dos fenômenos sociais responsáveis pela consolidação do machismo em nossa sociedade e buscando também, propor ações e estratégias voltadas para a quebra do machismo no ambiente escolar. O estudo se utiliza também de observações feitas em uma escola do município de Diamantina-MG, que serve de base para algumas reflexões.

Palavras-chave: Conservadorismo – Machismo – Reprodução – Escola - Pedagógica

SANGUINETE, Daniel. **The Brazilian social conservatism and their influence on the manifestation of machismo in pedagogical practices.** 25 pages. End of Job Specialization Course Gender and Diversity in School, UFMG - Federal University of Minas Gerais, Diamantina-MG, 2016.

SUMMARY

The study is mainly aimed to show the influence of Brazilian social conservatism with regard to gender and machismo manifestations in our society, especially at school. Showing its direct influence on teaching practices and sexist behavior in school, trying to propose a historical reflection of social phenomena responsible for the consolidation of sexism in our society and seeking also propose actions to propose strategies aimed at breaking the machismo in the school environment. The study is also used observations made at a school in the city of Diamantina, Minas Gerais, which is the basis for some reflections.

Keywords: Conservatism - Machismo - Play - School - Pedagogical

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO	9
2.1	Referencial Teórico	9
2.2	Metodologia	14
2.3	O machismo na sociedade brasileira: uma questão histórica	15
2.4	Quebrando o machismo no contexto escolar	18
2.5	O Machismo na prática: Observação da realidade escolar	21
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
4	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

É muito comum ouvirmos falar em machismo na sociedade atual, onde mesmo com todos os avanços relacionados ao acesso à informação, a desigualdade de gênero ainda está presente em diversos setores da nossa sociedade. É fato que o machismo apesar de ter ganhado muita atenção de diversos setores sociais, ainda se manifesta nos mais diversos espaços, sendo a escola um dos que mais refletem no contexto social de maneira mais ampla, já que é nesses espaços que são formados grande parte dos conceitos relacionados a valores que os alunos levarão para o resto de suas vidas nos grupos sociais que compõem.

Assim, a escola deve ser vista como o local ideal para a ruptura do subjulgamento da questão de gênero, no caso em questão o machismo. Mas para que isso ocorra é importante que se conheça os fatores sociais que contribuem para a consolidação desse tipo de pensamento conservador na sociedade brasileira, possibilitando assim, uma relação próxima entre o conservadorismo comportamental presente em nossa sociedade e a reprodução do machismo, com ênfase na sua reflexão no espaço escolar, mais especificamente nas práticas pedagógicas que venham a reforçar esse tipo de comportamento, objetivando a proposição ações que tornem esse espaço um ambiente de ruptura com essa mentalidade que alimenta o machismo em nossa sociedade como um todo.

Dessa forma, o estudo a seguir irá propor duas metodologias de pesquisa buscando um embasamento teórico e prático do tema que é abordado. Irá se buscar num primeiro momento o embasamento teórico, que buscará uma leitura histórico social do conservadorismo brasileiro no que se refere à questão de gênero, dando enfoque a essa reprodução no ambiente escolar, e conseqüentemente nas práticas pedagógicas e nas manifestações preconceituosas reproduzidas e difundidas ao longo do tempo, citando exemplos externos de metodologias defendidas buscando combater esses conservadorismo.

Para num segundo momento realizar uma pesquisa de campo à Escola Estadual Professora Isabel Motta, no município de Diamantina/MG, uma escola instituição pública de ensino que oferece os níveis de ensino Fundamental (2º ao 9º ano), Médio (1º ao 3º ano) e EJA (Educação de Jovens e Adultos), buscando com isso, um aprofundamento de diversas faixas etárias, além de elencar questões citadas por alunos e profissionais das escolas e colocá-las em análise juntamente com a pesquisa bibliográfica, buscando a partir de uma análise ampla de ambas, elaborar uma linha de pensamento que seja abrangente e forneça soluções para as questões levantadas tanto no estudo teórico como no prático, funcionando

assim como um estudo completo, que não se limita apenas à questão teórica, mas busca complementá-la com o cotidiano vivenciado pelas pessoas que compõem esse cenário, formulando assim um ponto de vista amplo, que traga pontos de vista e soluções concretas para acabar com o machismo no ambiente escolar.

Esse estudo foi motivado pelo aumento da minha atenção referente às questões de gênero no espaço escolar, que foi crescendo ao longo da realização do curso, onde fui levado a observar a influência da escola na construção e disseminação de uma série de preconceitos, dentre eles, a questão de gênero. Mas é interessante perceber que ao mesmo tempo em que esse espaço naturaliza comportamentos no sentido de estabelecer posturas preconceituosas, ainda que de maneira inconsciente, ele tem a mesma força, se bem trabalhado, de eliminar esses preconceitos e estabelecer um sistema de valores igualitários e não excludentes seja na questão de gênero, étnica, social, religiosa, entre muitas outras divisões sociais que atualmente tem na escola um espaço de reprodução.

Assim, o estudo tem como objetivo central mostrar a influência do conservadorismo social brasileiro e as manifestações do machismo em nossa sociedade, bem como no espaço escolar. Abordando entre outras questões, a sua influência direta nas práticas pedagógicas e no comportamento machista na escola. O estudo buscará também propor uma reflexão histórica dos fenômenos sociais que levaram à consolidação do machismo em nossa sociedade visando encontrar alternativas voltadas para a quebra do machismo no ambiente escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Não é segredo para ninguém que a nossa sociedade como um todo é historicamente guiado por valores patriarcais, que mesmo perante a evolução do conhecimento e o maior acesso à informação ainda determinam as relações sociais em diversos lugares do mundo. Salários menores, preconceito quanto à entrada em determinadas funções do mercado de trabalho, sexualização da figura feminina são apenas alguns dos traços que remetem o diferente tratamento e a inferiorização da mulher quando o assunto é a questão de gênero.

Outra séria questão, ainda reflexo dessa cultura conservadora e machista da sociedade brasileira, é que muitas dessas ações discriminatórias da questão de gênero, como expressões machistas nos mais diversos espaços sociais, sequer são percebidas pelos diversos grupos que dela fazem parte, tamanha naturalização em torno das mesmas ao longo do tempo. Assim, esses grupos passaram a julgar como “aceitável”, “normal”, uma série de atos extremamente machista em diversas situações.

O brasileiro está acostumado a aceitar uma diferenciação, seja de raça, classe, gênero ou sexualidade, por viver em um contexto cultural em que é possível e comum se “encaixar” em certos preconceitos. Se uma pessoa está inserida em uma cultura machista, naturalmente terá comportamentos e pensamentos machistas. Pode existir um processo de “fabricação” dos sujeitos de uma forma muito sutil. (CARVALHO; LEITE, 2013, p. 14)

Essa acomodação do brasileiro com relação a discussões importantes como a da sexualidade, pouco questionando valores tidos como estabelecidos em nossa sociedade acaba gerando uma divisão muito grande, que perpassa o meio social e acaba por invadir diversas instituições sociais, a principal delas talvez seja a escola.

Para Machado (2012, p. 17) ocorre a transformação do sistema de pensamento em hábitos, no que se refere à construção social dos sujeitos que passa a ser imposta na visão da autora, de maneira sexista, uma vez que induz a uma forma de pensar que busca que buscam justificar diferenças socioculturais relacionando-as com aspectos genéticos e biológicos.

A autoridade científica, desses discursos, “fundamenta na realidade e na razão a divisão arbitrária que querem impor” (BOURDIEU, 1989, p. 115), cristalizando marcas

preconceituosas em nosso cotidiano que geram sérios problemas sociais de desrespeito aos sujeitos e intensificam a luta de classificações pelo reconhecimento legítimo de uma das partes.

Parte do ponto de vista do nosso estudo é voltado exatamente para a observação prática dessa consolidação de valores sexistas, visando romper com essa visão, prejudicial no que se refere a valores enraizados que em um contexto mais amplo são extremamente prejudiciais ao público feminino.

Distingo aqui a escola, por visualizar nela um imenso potencial transformador, pois, na mesma medida em que ela é atualmente a maior responsável pela transmissão desses valores machistas, ainda que de maneira sutil, ela é, ao mesmo tempo, a instituição com maior potencial de reverter esse quadro.

É comum visualizarmos uma série dessas práticas no ambiente escolar, e não apenas ligadas apenas à questão pedagógica. A própria divisão da sala de aula, os padrões de comportamentos exigidos para um grupo e para outro, entre outras distinções que vão até a questão dos melhores cargos de professores, com os homens ocupando os melhores lugares nos níveis mais altos de ensino.

Quanto à prática didática e a organização das atividades no ambiente escolar, Louro (1995, p. 63) questiona se é realmente “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas. É preciso aceitar que a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? É de se esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão como “características” de cada gênero?

Gostaria exatamente de responder a essa pergunta de forma a mostrar o quanto se trata de uma realidade consolidada no meio escolar, e que ainda que apresente melhorias nos últimos anos, ainda representa uma jornada em pleno estágio inicial.

Louro (2001, p.70) cita a delimitação de espaços que ocorre nas escolas como um grande problema que acaba reforçando ainda mais as diferenças ao criar regras e valores tidos como permitidos e proibidos. Segundo a autora isso ocorre quando a escola, por exemplo, separa os meninos das meninas, os adultos das crianças, os católicos dos protestantes, definindo regras e valores permitidos e proibidos.

Outro ponto importante é que através da observação em cima da diferenciação de gênero, podemos perceber os reflexos diretos que ela representa em outras esferas, seja na influência comportamental que exerce nos mais diversos meios sociais no qual a mulher se insere ou mesmo nas escolhas pessoais e profissionais. Isso se dá pela enraizada diferenciação e conseqüente separação de gêneros, que oferece oportunidades estereotipadas, se encaixando

em determinados perfis que não reconhecem financeira nem intelectualmente as potencialidades femininas, preparadas para exercer funções de menor “importância” e status social.

De acordo com Candau (2003, p.88) por muitos anos ocorrem também manifestações nesse espaço escolar manifestações de discriminação “de ordem socioeconômica e étnica, explícitos e/ou velados”, segundo a autora, fruto do despreparo dos professores no que tange à diferença e no combate ao preconceito, seja ele étnico, social ou sexual.

Esses estudos ilustram o quanto a escola possui uma força na produção e reprodução dos discursos, através dos sujeitos autorizados a pronunciá-los, e, como espaço discursivo, influencia na constituição dos sujeitos, mediante a pluralidade de vozes que se enfrentam, cotidianamente, nos dispositivos pedagógicos, tentando conservar, moldar ou alterar significados. (MACHADO, 2012, p. 18)

Assim é importante que a escola seja utilizada como um espaço de desconstrução desses valores machistas cristalizados em nossa sociedade, promovendo assim o debate em torno dessas questões, um debate que seja norteado pela igualdade de tratamento e pela compreensão dos fenômenos históricos que levaram a nossa sociedade a esse comportamento machista.

O conceito de machismo aqui citado é definido com um “sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. (DRUMONT, 1980, p. 81)

A mesma autora também cita exemplos que reforçam essa dominação:

Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina. Um outro exemplo nos é oferecido pela própria destinação em termos de trabalho: a menina é geralmente conduzida para atividades que não produzem dinheiro, enquanto o garoto é necessariamente orientado para uma profissionalização. (DRUMONT, 1980, p. 82)

Ainda segundo a autora,

O machismo pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatado e ou invejado pelas mulheres. O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominância que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. (...) Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma

relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo "duas linguagens": uma masculina e uma feminina. (...) Nesta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc, há produção do espaço aberto, no sentido dado à expressão "corpo sem órgão" da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do objeto, etc, onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher. Assim, o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade. (DRUMONT, 1980, p. 82-83)

É importante também que o machismo seja visto não apenas com ótica que hoje dita o senso comum, através de ações claras de desrespeito as mulheres e seus direitos, mas sim de uma visão que o compreenda enquanto expressão social, buscando exemplos de combate a esse pensamento que deram certos em outros países e culturas, mostrando os fatores sociais históricos, mas também aqueles que compõem o cenário social atual, que ajudam a reproduzir esse cenário.

Isso se faz de extrema urgência, pois como já dito, a questão histórica tem sim grande influência nesse tipo de expressão preconceituosa, mas é crucial que sejam trabalhadas também as formas atuais de reprodução desse preconceito e de desvalorização da mulher nos mais diversos cenários, bem como as ferramentas de divulgação desse pensamento, como a mídia, o conservadorismo presente no currículo escolar, as doutrinas religiosas, e outras correntes de pensamento que dão eco ao machismo.

Para Louro (2004, p. 124), considerar as relações de gênero nas práticas pedagógicas significa:

[...] subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula: inventando formas novas de dividir os grupos para os jogos ou para os trabalhos; promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas e filmes consumidos pelas/os estudantes; produzindo novos textos, não-sexistas e não-racistas; investigando os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da História oficial, nos textos literários, nos "modelos" familiares; acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnia, etc.

É função do professor, mas também da escola como um todo buscar a desmistificação desse machismo em todas as suas instâncias, mas será que a escola está preparada para isso? Será que a própria postura conservadora da nossa sociedade não se caracteriza em um enorme empecilho para a superação ou pelo menos ao enfrentamento dessa problemática?

Antes de propor soluções para essa questão é necessário refletir um pouco sobre outros modelos que agem de maneira a combater a expressão constante do machismo no ambiente escolar e na própria sociedade como um todo.

Para isso devemos compreender que a "educação não é um fazer neutro; através dela

as pessoas aprendem quais as atitudes e comportamentos socialmente aceitos bem como quais, onde e quando determinados sentimentos e emoções podem ser externalizados ou não e isso porque ela possibilita a construção de ideias políticas e sociais, princípios religiosos, regras morais e formas de ser e de se comportar”. (COSTA; RODRIGUES; VANIN, 2011, p. 49)

Mas não é por isso que muitos desses processos não devam ser intocáveis, pois a grande maioria deles são convenções sociais que vão de encontro ao pensamento das classes dominantes, financeira e intelectualmente, não levando assim, em consideração aspectos de justiça que deveriam servir de base para nortear questões sociais de tamanha relevância.

Os mesmos autores, mesmo reconhecendo esse processo de neutralidade citando a educação como:

“desvinculada das questões econômicas e sociais e comprometida apenas com a transmissão da cultura e do saber; entretanto, mesmo quando não segue orientações tendenciosas, a exemplo de privilegiar classes ou grupos, o seu fazer se vincula a princípios que denunciam o seu engajamento social, econômico, político e ideológico, porque, além de receber as influências sociais, ela se estrutura a partir de visões de mundo e de um conceito acerca do ser humano”. (COSTA; RODRIGUES; VANIN, 2011, p. 50)

Seguindo essa linha de pensamento, os mesmos citam tratar-se de um “modelo de educação diretivo e disciplinador que, apesar do seu valor, transforma o ambiente escolar em algo pesado, sem atrativos e sem espaço para a alegria e a criatividade. Outra característica desse modelo é a importância conferida ao estudo livresco sendo o livro tomado como fonte da verdade, em detrimento das outras formas de apreensão do mundo”. (COSTA; RODRIGUES; VANIN, 2011, p. 50)

Isso significa que no fundo o processo educativo passa por uma dualidade no que se refere à filosofia de atuação, pois de um lado ainda se vê preso ao discurso conservador e acomodado e de outro se vê num processo, ainda que lento, de abertura no que se refere à discussão de algumas temáticas que antes sequer eram debatidas.

Mas de que forma isso atinge a questão de gênero? Basta pegarmos o pensamento de Badinter (1993, p. 6) onde desde o surgimento do patriarcado, o homem sempre se definiu como ser humano privilegiado, dotado de alguma coisa a mais, ignorada pelas mulheres. Ele se julga mais forte, mais inteligente, mais corajoso, mais responsável, mais criativo ou mais racional.

No ambiente pedagógico isso é muito perceptível desde a já citada divisão dos papéis, até a diferente forma de tratamento dos gêneros. Mas se analisarmos a prática pedagógica de maneira mais ampla, retornaremos ao pensamento Costa, Rodrigues e Vanin (2011, p. 51)

“O conteúdo dos livros didáticos também cumpre o mesmo papel, por exemplo, ao apresentar tarefas diferentes para homens e mulheres, deixando aos primeiros as atribuições de maior valor social e econômico, seja pela forma como as relações entre pais e mães são postas ou, ainda, pela indicação de carreiras a serem seguidas por homens e mulheres”.

A escola (com suas práticas pedagógicas, seus programas e conteúdos e seu currículo) tem se empenhado em impor idéias de um determinado grupo hegemônico que conseguiu seu lugar na história por ter sido capaz de controlar o Estado e estabelecer leis que os favoreciam. Como defende Louro (2004, p. 57) “a escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso”.

Como a linha de pensamento do estudo em questão defende uma idéia contrária ao machismo, que no caso representa a dominação de gênero, irei colocar a escola em outro papel, que fortaleça a igualdade, e dessa forma me nortearé a partir de agora pelas seguintes perguntas: como a escola pode se libertar da dominação de gênero? Como ela pode ser mais efetiva no que se refere à influência social? Qual o papel da escola e do professor nesse processo, principalmente no que se refere à prática pedagógica?

Assim a proposta do projeto irá defender idéias relacionadas a história do machismo na sociedade brasileira tomando por base o histórico social conservador do nosso país, buscar em outros países e em exemplos práticos através de uma pesquisa de campo a escolas, onde serão abordados profissionais e alunos, buscando traçar um perfil do combate ao machismo no ambiente escolar com pretensão de transformação social, bem com de fazer uma reflexão dessa temática em nosso país e o que deve ser feito pelo sistema de ensino.

2.2. METODOLOGIA

A primeira parte do estudo procurou mostrar dados relacionados ao machismo no ambiente escolar atual, destacando os mesmos através de indicadores que comprovem a afirmação de que o nosso espaço escolar é machista.

Na segunda parte baseada em um levantamento histórico dos fatores sociais responsáveis pela questão do machismo em nossa sociedade, buscando consolidar o ponto de vista que demonstra o conservadorismo social e preconceituoso do nosso país e como os mesmos apresentam grande influência no ambiente escolar.

Na terceira parte apresenta uma reflexão sobre a questão do machismo no Brasil e como esse lida com essa questão no espaço escolar, destacando estratégias tomadas no sentido de combater o machismo. Mas também, abrangendo a questão de um ponto de vista que leve em consideração a pesquisa de campo a escola da região de Diamantina/MG, elaborando uma pesquisa de campo que venha realizar uma leitura prática da presença do machismo nos mais diversos cenários escolares, com ênfase na questão pedagógica, mas também ouvindo desses alunos, como eles vêem esses fenômenos nos mais variados espaços escolares e sociais, sendo aplicados a esses um questionário que venham a fornecer dados tanto qualitativos quanto quantitativos no que se refere a essa temática, buscando assim, uma leitura mais crítica e embasada do tema.

Na quarta e última parte são elaboradas propostas ligadas ao combate do machismo no ambiente escolar, sendo essas embasadas na questão teórica e nos exemplos destacados ao longo do estudo, propondo ações que sejam efetivas não apenas de maneira emergencial, mas que se apresentem como soluções mais amplas, de maneira a influenciar o espaço escolar de maneira global.

2.3. O MACHISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA QUESTÃO HISTÓRICA

É importante destacarmos que quando falamos em machismo, falamos sim de um modelo de divisão hierárquica social que inferioriza as mulheres, mas é importante destacar que ao longo do tempo, as mulheres através de uma intensa luta, buscaram e conseguiram alcançar seu espaço, mesmo onde era imaginável em outros períodos.

Para Moraes (2007, p. 11), por muito tempo a mulher foi impedida de participar ativamente da esfera pública. Ela não esteve ausente na constituição da história brasileira, entretanto o seu papel tradicional de esposa e mãe desfigurou a sua representatividade: suas atividades e percepções eram condicionadas ao regramento social.

Ainda segundo a autora,

A educação recebida vinculava-se às boas maneiras de ser dona de casa, que basicamente se restringiam a ser boa mãe e ser boa esposa, algo bastante ambíguo. Boa para quem? Boa para quê? Ao longo de sua formação, a jovem mulher desenvolvia os chamados “dotes femininos” – aprender a cozinhar, bordar, costurar e tricotar. Condição por essa formação, a mulher idealizava um matrimônio

feliz, uma vida no lar, como o possível. Fora disso restava-lhe quase sempre os lugares de beata e freira. (Morais, 2007, p. 11)

Mesmo o trabalho artesanal, voltado para o lar, de extrema importância social, mesmo nos tempos atuais ainda não apresenta-se devidamente valorizado, sendo inferiorizados em uma série de fatores, inclusive no que se refere ao status social e reconhecimento financeiro.

Ao longo do tempo, uma série de características de determinados períodos representam um pouco dessa sociedade machista, que negava direitos básicos às mulheres. Se pararmos para analisar o fato de que o direito ao voto foi conquistado pela mulher brasileira apenas no ano de 1932 e que de maneira geral serviu apenas para aumentar a consciência política e participação das mulheres nesse contexto, mas ainda assim, não caracterizou um rompimento com valores machistas estabelecidos em nossa sociedade.

Segundo Moraes (2007, p. 18) na década de 1970, ocorreu a chamada “segunda onda” do feminismo brasileiro, influenciado pelo movimento hippie em busca da liberação sexual, principalmente nesse aspecto. Segundo a autora

[...] Este período de 1970 a 1990 compreende importantes mudanças para a mulher em sentido bem amplo, essas transformações possibilitaram uma sucessão de conquistas dos direitos renegados pela ideologia dominante, resultante de uma estrutura escravocrata e de propriedade de terras que marcou a formação da sociedade brasileira. [...] Os movimentos feministas falavam a favor de um novo modelo de comportamento cultural, em prol da quebra do estereótipo social imposto à mulher. Discussões sobre o relacionamento entre homem e mulher, sobre a violência contra a mulher, questões como a igualdade entre os gêneros, o trabalho, a discriminação dentro do lar, o aborto passaram a circular nas camadas médias da população. (2007, p. 19-20)

A partir desse momento ocorre uma mudança de postura da mulher com relação ao homem, no sentido de busca pela igualdade, que segundo Moraes cresce “na mesma proporção em que diminui o sentimento de inferioridade, de submissão, e aumenta a sensação de liberdade, pela capacidade de bastar a si mesma, de poder saciar suas necessidades e desejos”.

É importante destacar essa mudança principalmente porque esse período marca também a consolidação do modelo capitalista (iniciado nas primeiras décadas do século XX), e as constantes conquistas das mulheres em meio a essa expansão, acabam abrindo um espaço no mercado de trabalho, que mesmo com remuneração inferior à masculina, e um acesso ainda limitado (num primeiro momento) a funções de menor expressão, representam em um contexto geral, um avanço enorme, principalmente se analisarmos que em meio a esse processo, avanços legais como o divórcio, a presença da mulher e o surgimento de veículos de informação e conteúdos voltados para as mulheres, entre tantos outros pequenos avanços, que

não obtém grande reconhecimento de estudiosos, mas que unidos fazem parte de uma grande lista de conquistas que fizeram com que as mulheres atingissem o patamar atual em suas relações de gênero.

É importante citar também que quando falamos em avanço, falamos em algo concreto, que se caracteriza em fatos como a conquista de direitos e espaços sociais, mas devemos dizer que quando se diz isso como reconhecimento dessas conquistas, não se quer dizer que já bastam, pois se no mercado de trabalho de trabalho, no campo social e educacional as mulheres conseguiram saltos consideráveis, em diversos outros aspectos as coisas pouco mudaram, como quando nos deparamos com a violência familiar e sexual, muito também de uma cultura que sempre oprimiu as mulheres nesse sentido e naturalizou as violações contra elas, e que se parássemos para citar pontos onde as mulheres ainda sofrem com machismo em seu cotidiano, veremos que apesar das conquistas um longo caminho ainda a espera.

É por essas e outras que a luta contra o machismo não pode parar, uma vez que ela ainda está enraizada em muitas de nossas estruturas sociais, mas se analisarmos a condição atual da mulher nas relações de gênero, é notório um avanço, tanto nas relações no ambiente doméstico, como no acesso à informação, ao mercado de trabalho, à representatividade política e aos direitos sociais de uma maneira geral. E exatamente para que esse avanço tenha continuidade é que deve-se investir na mudança de visão em nossas instituições formadoras, para que elas formem cidadãos que não vejam a questão de gênero de modo hierárquico, de divisão, mas que procurem valorizar as potencialidades de ambos os lados, de uma maneira que foque as qualidades e não o gênero em si, e distinga valores diferentes para eles.

É importante também preparar os espaços escolares para que não comentam distinções de valor, como as já citadas nesse estudo, e que não cria desde os primeiros anos, homens e mulheres machistas, que não se estabeleçam papéis masculinos e femininos, mas sim mostrem o potencial de realização dessas funções por quaisquer pessoas, independente da questão do gênero. Parece ser uma questão complexa quando analisamos o atual cenário da educação e a forma como a mesma é planejada, mas como veremos abaixo, há vários modelos que tem buscado esse caminho.

2.4. QUEBRANDO O MACHISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

A busca pela quebra do machismo no contexto escolar brasileiro por si só caracteriza-se num desafio enorme, não apenas pela inclusão de práticas que quebrem esse modelo de pensamento, que são na visão do autor de estudo, o maior desafio no modelo de ensino rígido e atrasado em que estamos inseridos, mas sim, porque a qualquer sinal de mudança, mínima que seja, há um estardalhaço enorme, muito em virtude do momento político que vivemos, apimentados pelas respostas em tempo real proporcionadas pelas redes sociais, que dão à mídia e outros seguimentos conservadores de nossa sociedade, munição para julgar negativamente determinadas práticas que deveriam ser avanços simples, de tão óbvios, mas que encontram tamanha resistência que acabam se tornando enormes obstáculos, que acabam emperrando uma mudança estrutural que se faz necessária em nosso sistema educacional.

Para se ter uma noção das dificuldades que esse acalorado debate político atual traz às conquistas sociais, simplesmente pelo fato de serem financiados e manipulados de acordo com interesses diferentes daqueles para qual foram planejados, que tem visado atacar uma série de lutas, dentre elas da questão gênero, podemos citar algumas repercussões midiáticas em cima de discussões simples em uma sociedade que busca (ou pelo menos deveria) livrar-se de uma herança conservadora.

Na edição do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015, uma questão da prova de Ciências Humanas trouxe uma célebre frase de Simone de Beauvoir "Não se nasce mulher, torna-se mulher", fazendo referência às lutas feministas da metade do século XX. Uma questão simples, que se por um lado foi muito comemorada por grupos feministas, otimistas com a discussão do tema em uma avaliação de nível nacional, por outro, foi alvo de ataques de setores conservadores de nossa sociedade, principalmente ligados à religião, que analisaram a questão fora de contexto, diminuindo a autora, um ícone não apenas da luta feminista, como da literatura mundial, a uma incentivadora à libertinagem, que ia contra os valores morais e éticos relacionados à família.

Dessa forma, um avanço importante como a discussão da postura da mulher na luta por seus direitos acabou sendo desvalorizado, colocado de lado, por um pensamento machista e conservador, que tem interesse na manutenção das mulheres como submissas, conformadas com um espaço social restrito.

A citação de um preconceito relacionado à questão escolar foi citado propositalmente para visualizarmos como a visão predominante em nossas escolas e universidades (ainda que

em menor escala nos últimos) ainda se faz presente. Obviamente que nem precisaríamos desses exemplos, uma vez que basta-nos fazer uma breve reflexão de hábitos e divisões presentes no contexto educacional para vermos que esse ambiente, ainda que não defenda o ideologicamente o machismo, colabora com ele na prática.

Ações simples, que por vezes passam imperceptíveis para os profissionais da escola, mas que funcionam para enraizar essa forma de pensamento: a divisão dos meninos e meninas, os primeiros sendo levados a praticar esportes, as meninas, em outro ambiente, fazem maquiagem ou utilizam brinquedos relacionados a atividades domésticas. Dos jovens, espera-se agressividade, e ninguém estranha se eventualmente se atracarem. Já as meninas que se agrirem são imediatamente repreendidas por adotar comportamentos considerados masculinos.

Outras formas de visualizar essa questão são relacionadas a reprovação de roupas curtas, quando uma alteração de comportamento da mulher é rapidamente associada à TPM (tensão pré-menstrual) ou carência afetiva, ou quando a divisão de gênero explica aptidões para certas áreas de estudo ou trabalho.

Na questão hierárquica escolar esse machismo também aparece, por exemplo, quando o corpo docente é majoritariamente feminino, mas a direção é masculina. Ou mesmo quando o comportamento sexual das professoras ou a sua vida pessoal é utilizado como critério de desqualificação profissional.

Mas se há tantos valores machistas enraizados no ambiente escolar, como podemos combatê-lo? Essa é uma pergunta que em um primeiro momento nos leva a pensar em mudanças estruturais, complexas, mas que podem como medidas iniciais, serem iniciadas a partir de comportamentos, de práticas didáticas.

A mudança em todo o sistema educacional se faz necessária não apenas pela questão gênero, mas sim porque mostra uma série de deficiências tanto legais como no que se refere à questão física e material das escolas, que ainda funcionam de maneira a preparar um sujeito acrítico, incapaz de refletir, mas que esteja preparado para reproduzir papéis simplórios no mercado de trabalho.

Como o foco do estudo são as práticas pedagógicas e sua influência na reprodução machismo é importante depois de termos destacado uma série de práticas que reforçam esse preconceito, explorar outras que vão em sentido contrário, e buscam romper com todo o conservadorismo educacional responsável pela reprodução desse preconceito.

Temos inúmeros exemplos de profissionais que tem buscado, alternativas nas artes, na tecnologia, e em uma série de ferramentas que possibilitam uma maior reflexão a respeito do

tema.

Na disciplina de Língua Portuguesa cada vez mais tem sido feitas análises do conteúdo de textos, músicas e vídeos, buscando elaborar uma leitura mais aprofundada de questões implícitas no texto, sendo elas trabalhadas de maneira intensa na quebra desses preconceitos, uma luta que está cada vez mais frequente na música e na poesia, para citar alguns exemplos. No que se refere ao machismo, pode-se trabalhar também com análises de textos e obras situadas em outros contextos históricos onde o machismo era visto com naturalidade, tanto no sentido de se estabelecer uma comparação com o cenário atual, como para a realização de um trabalho reflexivo que remete a construção de novos valores que rompam com essa questão.

As análises de filmes e outras manifestações artísticas que propõem uma discussão mais ampla a cerca da questão do machismo, no sentido de se trabalhar comportamentos masculinos e femininos nas mais diversas situações de violações ou discriminação, também é um importante método de reflexão.

Esse debate também deve ser explorado na prática, seja numa roda de discussão aberta onde os alunos estejam livres para expor suas opiniões, tendo no professor um mediador, que deverá intervir apenas na proposição de reflexões acerca dos pontos de vistas expostos, sempre estimulando a reflexão dos alunos, buscando a formação de consenso na busca pela igualdade de tratamento. É importante destacar que essa vivência na prática não deve limitar-se apenas ao debate. Peças de teatro e outras atividades que coloquem os alunos no centro da discussão, “sentido na pele” a opressão, também é uma metodologia muito rica no sentido de propor uma reflexão.

Voltando à análise do texto, comerciais também são uma ótima forma de se analisar a questão do machismo, principalmente nesse período onde cada vez mais a imagem da mulher é associada à sexualidade e suas demais características são colocadas em segundo plano.

É importante que o professor também estimule as mulheres no sentido de não limitar escolhas, de visualizarem oportunidades profissionais em campos que atualmente são dominados por homens, gerando um processo de ruptura com o conservadorismo que impõe funções sociais como masculinas ou femininas, um exemplo importante, é a área de tecnologia, dominada atualmente pelo público masculino.

Estudar a biografia de mulheres que foram importantes na luta contra o machismo, também é uma importante ferramenta não apenas para inspirar outras mulheres, mas também para levar ao conhecimento do público masculino, o conhecimento histórico dessa luta, suas personagens mais marcantes e bandeiras levantadas.

Essas são ações de combate na prática didática que são de extrema importância e

podem variar de acordo com a criatividade dos profissionais, mas acima de tudo, é importante destacar que nenhuma dessas atividades será suficiente se a postura dos alunos não mudar no contexto escolar, se não forem estabelecidos parâmetros, normas a serem seguidas, no sentido de mostrar aos alunos o quão prejudicial é a postura machista, e se a mudança de comportamento não se expandir para todo o ambiente escolar e não apenas o interior da sala de aula, onde obviamente se faz um trabalho de extrema importância na proposição reflexiva, mas é extremamente necessário que todo o ambiente escolar, todos os profissionais presentes nesse contexto também reconheçam essa causa como importante.

2.5. O MACHISMO NA PRÁTICA: OBSERVAÇÃO DA REALIDADE ESCOLAR

Buscando visualizar essa realidade a nível local, bem como visualizar como o machismo ocorre no ambiente escolar, o estudo buscou também, explorar a como esse fenômeno ocorre na prática, através da observação de um espaço escolar real.

Foi realizada uma observação nos três períodos escolares visando observar se o padrão se repete nos períodos matutino e noturno, uma vez que a escola adotou uma divisão por ciclo, e nesses dois períodos a escola trabalha com alunos do Ensino Médio, já o período da tarde ficou reserva ao Ensino Fundamental, com as turmas do 2º ao 9º ano estudando nesse período.

Foi analisada também a estrutura hierárquica da escola buscando visualizar a ocorrência machista na mesma, tendo para isso, conversado com uma série de profissionais que não serão citados no estudo, que apenas utilizará as informações para embasamento e proposta de reflexão.

Mas há princípio é importante analisar a questão social do próprio município no que se remete a essa discussão de gênero, e como a mesma afeta a realidade escolar, ainda que essa questão passe despercebida da sociedade como um todo.

Podemos perceber no município uma reprodução do comportamento machista, ainda que velado na maioria dos casos, dos quais já abordamos no início desse estudo. A cidade de Diamantina, permite essa análise em duas esferas muito importantes, trabalhista e educacional, uma vez que a cidade além de permitir essa análise do ponto de vista do comércio, conta com uma universidade de nível federal, a UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), a FCJ (Faculdade de Ciências Jurídicas), além do

crescimento de universidade à distância, dentre as quais se destaca a UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná).

Esses dados são importantes por oferecer a possibilidade de refletir sobre também, sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho e nos níveis superiores de ensino, para podermos analisar a influência dessa questão social, no perfil machista apresentado nas escolas, diretamente influenciadas por essa convenção social.

No município de Diamantina, a entrada das mulheres no mercado de trabalho também é cada vez maior, com grande parte do funcionalismo público e funcionários do comércio sendo do sexo feminino. Mas a tendência também é seguida no que se refere à questão salarial, pois embora ocupem a grande maioria das vagas, geralmente relacionadas ao mercado de vestuário, as mulheres ainda recebem uma remuneração bem menor que a masculina, com média salarial de um salário mínimo, além de ocuparem cargos menores, uma vez que é percebido que mesmo nos setores dominados por elas, os gerentes e proprietários dos estabelecimentos são homens.

É interessante destacar também que as mulheres passaram também a dominar a grande maioria dos cursos de ensino de superior ofertados no município, algo que é extremamente positivo para o rompimento dessa estrutura machista. Mas devemos destacar aqui, que mesmo com esse crescimento ainda há uma separação evidente entre as funções ocupadas entre homens e mulheres, com a divisão dos cursos deixando bem clara essa questão. Os homens são maioria em cursos ligados à tecnologia, na área do Direito, Administração e Engenharia, com as mulheres ocupando em sua maioria em cursos como Pedagogia, Nutrição e Serviço Social, uma presença que deixa claro que os cargos dotados de maior prestígio social ainda são dominados pelos homens.

Voltando à realidade da Escola Estadual Isabel Motta, podemos presenciar que muitos desses padrões acabam se repetindo e tendo influência direta no modelo de comportamento das demais instituições escolares, no caso em questão, uma relação que ficou muito próxima dessa realidade é o fato, de que mesmo o corpo docente da escola sendo formado em sua grande maioria por mulheres, o diretor é homem, e muitas das funções de supervisão também são realizadas por homens.

No contexto comportamental, observando os alunos e conversando com os professores percebe-se claramente que a separação se faz presente nas mais diversas modalidades de ensino.

No Ensino Fundamental, durante as brincadeiras no pátio, organização de filas e grupos, geralmente tem na questão de gênero um ponto claramente visto, com meninos e

meninas sendo separadas. De acordo com as professoras, até mesmo a divisão de atividades no interior da sala de aula ocorre de maneira separatista, com as meninas e meninos sendo estimulados a brincadeiras e brincadeiras comumente direcionadas a determinado gênero.

Elas assumiram que até mesmo a cobrança quanto à postura dos meninos e meninas é diferente, sempre exigindo das meninas um comportamento mais “recatado” e “respeitoso”, principalmente relacionado ao seu corpo. Um ponto positivo destacado foi a mescla dos grupos no que se refere à prática de esportes, com meninos e meninas dividindo o mesmo espaço e participando das mesmas atividades. De maneira geral, não se é trabalhada a questão de gênero com os alunos, e quando essa ocorre, dá-se de maneira rasa e conservadora.

No Ensino Médio o quadro muda um pouco. Apesar do pensamento machista ainda predominar, são propostas atividades e discussões relacionadas ao tema. Mas de acordo com uma professora, esse comportamento mudou um pouco apenas após os professores e demais profissionais da escola observarem o aumento de manifestações homossexuais, que acabaram chamando a atenção para a necessidade de se focar nessa discussão, o que de certa forma não é satisfatório, já que essa discussão vem no sentido de se consolidar os papéis masculinos e femininos de maneira estereotipada e conservadora e não possuem o caráter de luta contra o machismo defendido no estudo.

Ainda assim, pode-se perceber claramente um progresso no nível médio de ensino, com uma separação maior dos jovens na realização das atividades, e com uma ocorrência maior de eventos que buscam essa discussão, que no Ensino Médio, dá-se de forma mais aberta.

Numa conversa com alguns alunos do Ensino Médio quanto a perspectiva de trabalho de estudos, pode-se constatar que a influência do meio social reflete diretamente na forma de pensar dos jovens. As meninas em grande maioria mostraram um desejo adentrar diretamente o mercado de trabalho, citando lojas e pequenos comércios no sentido de ter sua primeira experiência profissional, de forma que dê a elas condições futuras para adentrar o Ensino Superior.

Nesse ponto, os meninos não diferiram muitos das meninas, com a opção pelo mercado de trabalho ainda apresentando-se como mais atraente (é importante destacar que a escola está localizada em um bairro de classe média baixa). Há, porém, mesmo nesse ambiente, a existência de iniciativas empreendedoras por parte dos homens, com alguns deles citando a possibilidade de iniciar uma atividade no pequeno negócio do pai, buscando um aperfeiçoamento para se tornar administrador num futuro próximo.

Quando perguntados quanto a carreiras acadêmicas, a grande maioria mostrou-se

indecisa. Dentre aqueles que opinaram, os homens seguiram a tendência a áreas tecnológicas e do Direito, as mulheres, a Pedagogia, geralmente por terem alguém da família já atuando nessa função.

Dessa forma, podemos perceber o quanto o contexto social no qual os alunos estão inseridos acaba sendo responsáveis pela reprodução de hábitos que levam, ainda que inconscientemente, a uma postura machista, e como no caso em questão a escola pouco faz no sentido de combater essa questão, ao contrário, por muitas vezes acaba reforçando esse tipo de comportamento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber ao longo do estudo que o machismo é um fenômeno social que embora venha, cada vez mais, sendo combatido em diversas esferas da nossa sociedade, ele ainda se faz presente em praticamente todas as esferas sociais, deixando um rastro de desigualdade que é extremamente prejudicial para nós enquanto sociedade.

O primeiro passo para a superação dessa questão é a compreensão quanto a sua gravidade, e no quanto ela reflete negativamente na vida de um imenso número de mulheres, que por puro preconceito, acabam tendo diminuído seu reconhecimento, tanto financeiro como na sociedade de maneira geral.

Mas para uma mudança de comportamento é de extrema importância também que as instituições de ensino fiquem atentas a essa questão, e que os profissionais da educação, desenvolvam cada vez mais práticas didáticas que visem romper com o pensamento preconceituoso.

Por isso, o estudo buscou mostrar além da influência social na reprodução do machismo no ambiente escolar, uma realidade que reproduz claramente num contexto escolar o comportamento machista, mas ao mesmo tempo, dar opções para que esse pensamento seja ultrapassado e para que as instituições de ensino e principalmente seus profissionais fazendo uso dessas ferramentas e estratégias didáticas possam influenciar diretamente na ruptura do pensamento machista.

É bem verdade também, que para que essa luta tenha êxito se faz necessário todo um esforço e mobilização social, que deve sim partir da escola, mas deve se expandir para outros setores da nossa sociedade para que alcancemos a realidade social ideal, onde mulheres e homens terão acesso as mesmas condições para o seu pleno desenvolvimento social.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. **XY: Sobre a identidade masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

CANDAU, Vera Maria. **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARVALHO, Camila Schreiber; LEITE, Luísa Câmara Berocan. **Eu, machista: Retratos de um preconceito**. Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, Brasília, 2012.

COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo. **Ensino e Gênero: Perspectivas transversais**. Salvador: UFBA - NEIM, 2011.

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Educação e gênero: a escola e a produção do feminino e masculino**. In SILVA, L.H. & AZEVEDO, J.C. (org) Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Sexualidade e gênero na escola. A educação em tempos de globalização**. (pp. 69-73). Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

MORAIS, Patrícia Almeida. **Esta antiga e nova mulher**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/165/TrabalhodeConclusaodeCurso/Estaantigamonografia.pdf>, acesso em 17/01/2016. Brasília, 2007.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Relações de gênero na prática pedagógica**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas, 2012.